C.G. Jung

# A VIDA SIMBÓLICA

3ª EDIÇÃO

**(Excertos)**

## JUNG E A INDIVIDUAÇÃO

Individuação é conceito geral da psicologia analítica com o qual se entende genericamente o devir da personalidade, e em particular o processo da transformação contínua de uma individualidade que vem psiquicamente a constituir-se em referência a uma substância comum ou coletiva.

O termo foi tirado da filosofia em que foi usado para indicar a constituição da individualidade a partir de uma substância comum, motivo pelo qual a individuação atribui um caracter privilegiado à substância, que existiria de algum modo antes e para além dos próprios indivíduos. Na verdade, o termo surgiu para responder a uma pergunta que soa mais ou menos assim: "O que torna uma substância comum esta substância específica?"

Antes que tal questão fosse superada e o problema originário fosse fundamentalmente negado, três foram as respostas fundamentais: a) a individualidade depende da matéria das coisas; b) a individualidade depende da forma; c) a individualidade depende da matéria, da forma e da sua composição.

A primeira solução para a qual o princípio da individuação é a matéria, foi dada pelo filósofo que viveu por volta do ano 1000 que, com o nome de Avicena ficou conhecido no Ocidente latino por ter conseguido coordenar os princípios médicos de Hipócrates e Galeno com as teorias biológicas de Aristóteles.

Para são Tomás o princípio da individuação é representado pela matéria comum quando ela é marcada, isto é, considerada, como ele diz, "sob determinadas dimensões," isto é, o homem é este homem enquanto unido a um corpo que o determina no espaço e no tempo. Considerando a vontade como substância comum a todos os homens, a mesma resposta dará na era moderna Schopenhauer.

A segunda solução para a qual a individualidade depende não apenas da matéria das coisas mas também (e sobretudo) da sua forma, foi adotada por Boaventura, o expoente máximo da escola filosófica franciscana. Este, considerando a forma como a essência que restringe e define a matéria a determinado ser, propunha que o princípio da individuação fosse buscado na comunicação que deve subsistir entre forma e matéria, razão pela qual na

expressão “o indivíduo é este algo,” o “este” remete à matéria e o “algo” à forma.

A terceira solução é a do filósofo e teólogo inglês Duns Scoto, o qual afirma que entre indivíduos da mesma espécie intercorrem ligações que se exprimem na sua natureza comum composta de matéria e forma, justamente a partir das quais é possível chegar à singularidade (e, portanto, a esse “algo”) mas através de um incremento de tipo formal que ele denominou “essidade” ou “estidade.” Tal realidade última, ou seja, a que ele chama propriamente de “entidade positiva,” representa justamente a determinação, última e positiva tanto da matéria quanto da forma, quanto, finalmente da composição destas. Nesta perspetiva o indivíduo resulta portanto, caracterizado pela complexidade e pela riqueza das suas determinações e não tanto da sua simplicidade.

Jung utiliza esse termo exatamente para problematizar o antigo pressuposto de que a constituição da individualidade seja dada a partir dos elementos comuns. Destes ele não aceita uma prioridade ontológica da substância comum e fundamental, e busca para eles uma solução de tipo epistemológico. Em todo o caso, ele considera a natureza psíquica individual e a comum ou coletiva numa relação de mútua inclusão e de recíproca remitência, e para designar tudo isso utiliza a expressão “processo de individuação,” entendido como a articulação de dois subprocessos complementares que são chamados *diferenciação* e *integração*.

O primeiro subprocesso indica, em geral, tanto a distinção de uma parte psíquica em relação a uma outra e a um todo (com o qual, por assim dizer, estavam inconscientemente identificados), quanto o desenvolvimento da parte, ou melhor, a ulterior diferenciação das diferenças que tinham sido obtidas no próprio ato distintivo. De um modo igualmente geral, o segundo subprocesso designa ao invés a conexão das partes psíquicas entre si e a sua conexão com um todo não sintético (isto é, com um todo que, por assim dizer, relembre ou esteja consciente de ser constituído de partes diferentes que, em certo sentido, permitiram a sua composição).

Em particular o termo “diferenciação” remete ao problema psicológico fundamental da constituição do outro diferente de si próprio e da determinação qualitativa da alteridade* *(Conceito que parte do pressuposto básico de que todo homem interage e interdepende do outro. Os antropólogos e cientistas sociais afirmam que a existência do eu individual só é permitida mediante um contacto com o outro, que redunda na premissa de que eu só*

*existo a partir do outro, o que assenta numa redundância que procede da lógica, mas que não cumpre aqui esmiuçar).*

O termo "integração" remete ao invés, a outro problema psicológico fundamental, que é o da relação entre dois elementos que, mesmo na sua interação, permanecem essencialmente distintos. Além disso, uma vez que entre os dois subprocessos subsiste uma relação de complementaridade, o processo de individuação conduz ao problema da relação entre a "parte e o "todo," e fundamentalmente trata parte e todo como se estivessem numa relação de mútua inclusão e de recíproca remitência, isto é, a diferenciação remete à integração e vice-versa, e isso porque duas "coisas" podem diferir entre si à medida que é possível que elas próprias se refiram a uma terceira que, transcendendo-as, contemporaneamente as associa e integra. Dessa forma, todo ato de determinação da alteridade tem sentido em referência a um ato simultâneo de determinação da identidade, isto é, diz-se que A é outro e, portanto, diferente de B enquanto foi determinado que têm em comum C, que é o outro algo ainda pelo qual podem também diferir.

Para além do caracter substancial, convencional e empírico de tais determinações complementares de identidade e de diferença, a individuação, por meio da diferenciação, representa a passagem do plano psíquico (e, portanto, não apenas do plano intelectual) à diferença de uma parte singular tanto em relação a outra parte como em relação ao todo igualmente. E isso sucede quando uma parte tenha podido tomar literalmente "visão" da identidade inconsciente ou confusão em que se encontrava com a outra parte e com o todo, quando porém ela tenha igualmente podido tomar visão do seu *isolamento* inconsciente.

Portanto, a diferenciação individuativa indica a passagem à independência e à autonomia da parte, quando se torna possível a referência representativa do estado originário de indiferenciação psíquica e à sua consequente ineficaz dependência e heteronomia** *(Conceito básico relacionado com o Estado de Direito, em que todos se devem submeter à vontade da lei. Foi criado por Kant para denominar a sujeição do indivíduo à vontade de terceiros, ou à coletividade, e se opõe ao conceito de autonomia, onde o ente possui arbítrio e pode expressar sua vontade livremente)* em relação a outro diferente de si próprio e ao todo.

A integração individuativa indica, ao invés, uma passagem à dependência e à heteronomia da parte, quando se tornar possível a referência, neste caso, ao

estado originário de oposição e de conflito e, portanto, de ineficaz independência e autonomia em relação ao outro diferente de si próprio e ao todo.

Através da doutrina da individuação são fundamentalmente atribuídas à sique as seguintes características:

1) a característica da *possibilidade* no plano dos significados, que se entrelaça com a necessidade no plano biológico;

2) a característica da *excecionalidade* no plano normativo, que deve ser mantido distinto do plano do elitismo;

3) a característica da *individualidade* e da *coletividade*, e não tanto do individualismo e do coletivismo;

4) a característica da *criatividade*, que é ao mesmo tempo evolutiva e involutiva (ou então construtiva e destrutiva), e por isso diferente das características puramente evolutiva ou progressiva que for a veiculada pelas correntes evolucionistas. Além disso, a noção oscila entre a característica natural e a artificial.

A individuação tem a característica da excecionalidade e não do elitismo, no sentido de que diz respeito a cada homem e não tanto apenas a alguns. Na conceção de Jung o processo de individuação assume mais precisamente a característica de lei excecional, porque a lei psicológica concerne de vez em quando a pessoa única que é sua depositária e portadora. A este respeito é atribuído `à individuação o significado de lei ou caminho privilegiado, isto é, a individuação deve ser entendida como lei inderrogável, mas enquanto este assim chamado “destino” se refere ao encontro privado particular com a própria singularidade, deve também ser entendido como lei específica do indivíduo (excecional no sentido de particular). Apesar disso, se a individuação assume a curvatura do privilégio, este não deve ser entendido no sentido corrente de tarefa aristocrática e elitista originário de lei que se refere a cada um e, portanto, diz respeito a todos enquanto indivíduos singulares.

Com a doutrina da individuação Jung critica o postulado da coincidência, de uma vez por todas, dos interesses do indivíduo com os interesses comuns ou coletivos e, portanto, propõe ao homem o problema de que a cada vez seja encontrada uma coincidência substancial dos seus interesses enquanto

indivíduo com os de membro pertencente à comunidade social. Em relação a isso, Jung interpreta o individualismo como o resultado historicamente possível e uma reação à originária e inconsciente identidade coletiva (de massa) ou universal (interna ou externa) e a um não-reconhecimento das determinações universais que constituem a natureza comum:

"A individuação (…) significa precisamente e realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento determinante de um melhor rendimento social. A singularidade de um indivíduo não deve ser compreendida como estranheza de sua substância ou de suas componentes, mas sim como combinação única, ou como diferenciação gradual de funções e faculdades que em si e por si mesmas são universais."

A individuação, com os seus subprocessos e as características das quais antes se falou, Jung a observa fundamentalmente a partir de dois níveis:

1) ao nível *subjetivo* (interior ou intrapsíquico) e, portanto, considerada em relação aos elementos, às funções e às estruturas da psique que chegam a diferenciar-se a ponto do Eu e da consciência poderem operar o fastidioso encontro — fastidioso mas indispensável para a integração do inconsciente — com as componentes inconscientes da personalidade

2) ao nível *objetivo* ou *intersubjetivo* (relacional ou interpsíquico) e, portanto, é considerada a diferenciação da individualidade em relação a um estado de identidade com o outro, e a consequente integração ou interação entre indivíduo e indivíduo e entre indivíduo e grupo.

Em ambos os níveis, fala-se portanto de individuação como distinção e integração, e em particular se faz referência à diferenciação-integração, respetivamente entre Eu e Si-mesmo e entre Eu e o mundo. De outro ponto de vista, os dois níveis de individuação correspondem à diferenciação e ao desenvolvimento do lado espiritual e do moral.
Mas, uma vez que entre esses dois níveis e as duas diferentes aceções subsiste uma relação de contemporaneidade, e uma vez que a sua distinção resulta ser o produto da perspetiva com que são observados (Jung escreveu que um não pode subsistir sem o outro, embora seja um, ora o outro desses aspetos que prevalece)

A individuação observa-se ainda num outro nível:

3) ao nível *sujeito-objeto*, isto é, ao nível do que resulta ser o confim entre o primeiro e o segundo nível do qual se falou. Sobre este plano, a individuação chega a ser representada por um limiar que, de um lado, é intermédio entre o Si-mesmo e o mundo, e por outro, é aquele “algo” mediante o qual os dois objetos chegam a se constituir como separados e unidos ao mesmo tempo. Mas, uma vez que não é considerada uma entidade metafísica e metapsicológica e, portanto, jamais e de nenhum modo, externa ao próprio processo individuativo,

4) ao nível prospetivo, em que a individuação é mais o próprio olhar com que toda vez nós olhamos nós mesmos e o mundo, e assim fazendo os constituímos como elementos cognitivos e afetivos e, portanto, psiquicamente significativos.

## RETORNO À VIDA SIMPLES

(Diálogo tido em 1941, livro A Vida Simbólica II, page 157)

Pergunta: O que pensa do retorno do povo Suíço a uma vida simples?

O retorno à vida simples pode ser considerado uma felicidade inesperada, ainda que tal ‘retorno’ exija não pouca renúncia e não seja assumido de boa vontade. Graças às melhorias nos média e ao sensacionalismo barato oferecido pelo cinema, rádio, jornais e milhares de ‘entretenimentos’ de toda a sorte, a vida humana do passado recente aproximou-se a largos passos de um estado que não mais se diferenciava da agitação Americana. No tocante aos divórcios, Zurique já alcançou o recorde Americano. Todos os meios para economizar tempo e outras comodidades, paradoxalmente não economizam tempo; só servem para ocupar o tempo disponível de tal forma que não sobre pressa para mais nada. Disso resulta forçosamente uma pressa febril, superficialidade e fadiga nervosa com todos os sintomas concomitantes como ânsia por estímulos, impaciência, irritabilidade, vacilação, etc. Este estado pode levar a várias coisas, mas não a uma cultura maior do espírito e do coração...

A cultura é essencialmente continuidade e conservação do passado, ao passo que a mania da novidade produz anticultura e termina em pura barbárie. O resultado disso é que eventualmente uma nação inteira venha a ansiar por aquela cultura que ela quase (ou inteiramente) perdeu devido à ilusão de

melhores condições no futuro (que raramente ou nunca aconteceram.) Infelizmente o nosso mundo, e respetivamente a estrutura moral da humanidade são constituídos de tal forma que nenhum progresso e nenhuma melhoria são suficientemente bons para não permitirem que mais cedo ou mais tarde sobrevenha o abuso que transforma a bênção em maldição. Poderá alguém afirmar seriamente eu as nossas guerras sejam 'melhores' do que foram as dos Romanos?

A organização de massa, pretendida na nossa época, arranca qualquer um do seu mundo privado e empurra-o para o tumulto ensurdecedor da arena, transformando-o numa partícula inconsciente e, por isso, sem importância e sem sentido da massa, sujeito impreterivelmente a todo tipo de sugestão. A isca que nunca falha é o chamado "futuro melhor" que impede a pessoa de se integrar no presente em que vive realmente para dele fazer o melhor possível. Já não se vive no presente *para* o futuro, mas irrealisticamente *no* futuro, privado do presente e, mais ainda, do passado, separado das raízes, desenraizado, despojado da continuidade, eternamente enganado pela *fata morgana* zombeteira de um "futuro melhor."

Há necessidade de uma enorme deceção para libertar as pessoas do pensamento delirante e trazê-las de volta às bases sadias da tradição, recordando-lhe as bênçãos de uma cultura espiritual que a "era do progresso" destruiu com todos os meios da sua crítica desagregadora. Basta lembrar a devastação espiritual provocada pelo materialismo, inventado por pseudo-intelectuais e defendido com argumentos inteiramente infantis! É muito difícil acabar com este tipo de pensamento que se tornou tão popular exatamente devido à sua estupidez...

Quem, apesar dessas circunstâncias, conseguir viver e achar a vida válida, terá descoberto o espírito ou, pelo menos, algo dele. Mas são poucos os que estão convencidos no íntimo do seu coração de que a felicidade material é também um perigo para o espírito e que conseguem renunciar ao mundo por amor ao espírito.

Espero, por isso, que o flagelo de Deus que açoita agora a Europa há de convencer os povos de que este mundo, que não foi o melhor dos mundos possíveis do passado, também não o será no futuro. Ele é, como sempre foi, constituído de dia e noite, luz e escuridão, curtas alegrias e longo sofrimento, lugar de lutas sem trégua e sem paz, por ser a arena das cobiças humanas. Mas o espírito é um além nesse aquém. Uma vez que o espírito não é refúgio de

covardes, só o possuirá aquele que *sofre* a vida neste mundo e que aceita até mesmo a felicidade com dúvida cortês...

## INSTINTOS

(A Vida Simbólica II, página 116)

Os instintos são as determinantes mais conservadoras de qualquer espécie de vida. A mente não nasceu *tábula rasa*. À semelhança do corpo, tem as suas predisposições individuais, sobretudo o padrão comportamental.

Elas manifestam-se sempre nos padrões recorrentes das funções psíquicas. Tal como o joão-de-barro (pássaro) constrói o seu ninho sempre da mesma forma, também a pessoa reage psicologicamente de acordo com os seus padrões originários, apesar da liberdade e mutabilidade superficial de que goza. Mas até certo ponto, isto é, até colidir, por alguma razão, com as suas raízes instintivas, ainda vivas e sempre presentes.

Aí os instintos revoltam-se e suscitam ideias e emoções estranhas que serão tanto mais estranhas e incompreensíveis quanto mais a consciência humana se tiver desviado da sua conformidade original com esses instintos. Pelo facto de a humanidade hoje se sentir ameaçada pela autodestruição através da radioatividade, experimentamos um re-despertar fundamental dos nossos instintos nas mais diversas formas. Chamei “arquétipos” às manifestações psicológicas do instinto.

Os arquétipos não são de forma alguma indícios ou resíduos inúteis e arcaicos de um mundo primitivo. São entidades vivas que causam a pré-formação de ideias numinosas ou de imagens dominantes. Uma compreensão inadequada aceita essas imagens primitivas na sua forma arcaica, pois elas exercem sobre a mente subdesenvolvida um fascínio numinoso.

O comunismo, por exemplo, é um estilo de vida arcaico, altamente ilusório, que caracterizava os grupos sociais primitivos. Ela carrega em si um comando sem lei como compensação vital necessária, facto que só pode ser desconsiderado por um preconceito racionalista — prerrogativa de uma mente bárbara.

Será importante recordar que o meu próprio conceito de arquétipo foi muitas vezes mal compreendido, como se designasse ideias hereditárias ou uma

espécie de especulação filosófica. Na verdade os arquétipos pertencem ao âmbito da atividade instintiva e *nesse* sentido são padrões hereditários de comportamento psíquico. Enquanto tais, revestem-se de certas qualidades dinâmicas que, psicologicamente falando, podemos chamar de “autonomia” e “numinosidade.”

Não conheço outro caminho mais fiável para voltar a este fundamento instintivo do que a compreensão desses padrões psicológicos que nos permite reconhecer a natureza de uma atitude instintiva. O instinto de autopreservação é despertado em reação contra a tendência ao suicídio em massa, representado pela bomba H e pela divisão política do mundo por ela provocada. A divisão política do mundo é, sem dúvida, obra do homem que deve ser atribuída a uma distorção racionalista. Mas as pré-formações arquetípicas, se entendidas por uma mente madura, podem fornecer ideias numinosas que antecedem o nosso nível intelectual propriamente dito. É exatamente disto que o nosso mundo precisa. Parece-me um incentivo adicional observar os processos inconscientes que hoje antecipam em muitas pessoas desenvolvimentos futuros.

## NOTAS MARGINAIS SOBRE A HISTÓRIA CONTEMPORANEA

(A Vida Simbólica Vol. 2 página 166)

Até poucos séculos atrás, aquelas regiões do mundo que foram iluminadas desde então pela ciência estavam mergulhadas na mais profunda escuridão. A natureza vivia ainda em seu estado original, estado em que se encontrava desde tempos imemoriais. Já fora des-deusada, mas não fora ainda de-salmada. Os espíritos demoníacos habitavam fantasmagoricamente a terra, a água, o ar e o fogo; a bruxaria e os vaticínios lançavam sombras sobre o relacionamento humano; os mistérios da fé penetravam fundo na natureza.

Em certas flores podiam ser encontradas imagens dos instrumentos de tortura dos mártires ou do sangue de Cristo; as espirais da casa do caracol (no sentido dos ponteiros do relógio) eram prova da existência de Deus; na alquimia, o nascimento da Virgem era prefigurado no despertar do *infans mercurialis* no ventre da terra; a paixão de Cristo era representada pela *separatio, solutio e digestio* da substância do arcano; a morte e a ressurreição de Cristo eram reproduzidas nos processos da transformação química. Esta dava uma ideia da

transubstanciação totalmente incompreensível. O mistério da água batismal foi redescoberto nas qualidades maravilhosas do solvente por excelência, a chamada (termo grego), ou *aqua permanens*. A crucifixão de Cristo era quase uma prefiguração da tarefa da ciência natural, pois a árvore da cruz correspondia à *arbor philosophica* que por sua vez representa a *opus scientiae* em geral.

*Texto datilografado, inédito até os últimos nove parágrafos (ver adiante, par. 1374"). Cf. também Ensaios sobre a história contemporânea (1946); OC, vol. X e XVI.*

Hoje em dia é quase impossível imaginar este estado de coisas e avaliar corretamente o que significava viver num mundo, repleto do alto com os mistérios das maravilhas divinas até o cadinho da fundição do bronze, e em baixo corrompido em parte pelo engodo demoníaco, em parte manchado pelo pecado original, em parte animado secretamente por um demónio autóctone, por aquela *anima mundi* ou aquela *scintilla animae* que nasciam como sementes de vida da incubação das águas superiores através da “ruah Eloim.”

É praticamente inimaginável a mudança radical que operou na vida emocional das pessoas a despedida desse mundo totalmente antiquado. Mas quem teve uma infância cheia de fantasias pode fazer disso uma ideia aproximada. É irrelevante lamentar ou saudar a perda irrecuperável desse mundo primitivo. O importante é a questão que nunca ninguém coloca: o que acontece com aquelas figuras e formas, aqueles deuses, demónios e feiticeiros, aqueles mensageiros do céu e monstros do abismo quando constatamos que não há nenhuma serpente de Mercúrio e nenhum espírito vegetativo nas cavernas da terra, nenhuma dríade na mata, nenhuma ondina na água e que os mistérios da fé foram reduzidos a artigos de um credo? Ainda que tenhamos corrigido uma ilusão, isto não significa que esteja abolida aquela instância psíquica que produz ilusões e delas, inclusive, precisa. É muito duvidoso se nosso modo de retificar tais ilusões pode ser considerado válido.

Se, por exemplo, alguém se ocupasse em demonstrar que não existe baleia que pudesse ou quisesse engolir um Jonas e, mesmo que o fizesse, a pessoa morreria sufocada em pouco tempo e não poderia ser vomitada viva depois de três dias, esta pessoa não estaria fazendo justiça ao mito com esta crítica. Aliás, sua argumentação seria ridícula, pois estaria tomando o mitologema ao pé da letra, o que atualmente é descabida ingenuidade. Já estamos percebendo que com nossa correção iluminista erramos vergonhosamente o

alvo. É qualidade específica do mito fabular e querer dizer o incomum, o extraordinário e até mesmo o impossível. Em vista dessa tendência é inoportuno alguém exibir sua cultura de escola primária. Com este tipo de crítica não se eliminará do mundo o fator mitologizador.

Apenas se corrige uma conceção não genuína do mito. Mas não se atinge, nem de longe, seu significado e, muito menos, a instância psíquica mitologizante. Criou-se apenas nova ilusão de que o conteúdo do mito não seja verdadeiro. Como dissemos, isto pode ser constatado por qualquer aluno do primário. Mas o que o mito realmente quer dizer, disso não temos a menor ideia. Ele expressa fatos e situações psíquicas, exatamente como o sonho normal e as delusões de um doente mental. Descreve fatos psíquicos de modo figurado, cuja existência não pode ser desfeita por meio de simples explicação. Perdemos o medo supersticioso de maus espíritos e fantasmas noturnos mas, em vez disso, assalta-nos o pavor de pessoas que, possuídas por demônios, praticam os atos horríveis das trevas. O fato de os praticantes desses atos não se julgarem possessos, mas "super-homens," em nada altera o fato de sua possessão.

O mundo fantástico e mitológico da Idade Média mudou simplesmente de lugar, graças ao nosso chamado iluminismo; já não são os íncubos, súcubos, ninfas das florestas, melusinas e outras coisas que espantam e chicaneiam, mas as próprias pessoas assumiram, sem saber, esses papéis e realizam a obra demoníaca da destruição com métodos bem mais eficientes do que os fantasmas antigos. Antigamente as pessoas eram rudes, agora estão desumanizadas e possessas de demônios em tal grau que nem a Idade Média mais tenebrosa conheceu. Naquela época, uma pessoa decente e inteligente podia livrar-se até certo ponto das maquinações demoníacas, mas hoje até mesmo seus ideais a arrastam para dentro da lama sangrenta de sua existência nacional.

Como consequência do cisma eclesiástico, o desenvolvimento da ciência natural continuou a obra de desdeificação da Igreja, expulsou os demónios da natureza e, com eles, os últimos restos da conceção mitológica do mundo. O resultado desse processo foi a gradual dissolução da projeção e a retirada dos conteúdos projetados para dentro da psique humana. Portanto, a multidão de fantasmas que existia do lado de fora deslocou-se para dentro da psique humana e, enquanto admiramos a natureza "pura", isto é, sem alma, damos guarida, querendo ou não, a seus demónios, com o resultado de que com o fim da Idade Média, *ano 1918*, pudesse começar a época dos banhos de sangue, da total demonização e total desumanização.

Desde os dias das cruzadas infantis, dos Anabatistas e do flautista de Hamelin, nunca mais se viu epidemias psíquicas de tal monta, especialmente a nível nacional. Inclusive as câmaras de tortura — assombrosa invenção dos tempos modernos — foram reintroduzidas na Europa. Em toda parte o cristianismo se mostrou incapaz (1) de deter a devastação, ainda que muitos cristãos tenham arriscado suas vidas. Finalmente, a invenção dos matadouros de pessoas — em comparação dos quais o circo romano de dois mil anos atrás era ínfima amostra — é uma realização do novo espírito alemão e que dificilmente será superada.

*1. Isto pode ser discutido, pois foram as organizações cristãs que mostraram sua impotência. Mas quando identificamos Igreja e cristianismo esta diferença cai por terra.*

Estes factos dão o que pensar. Os demônios da natureza, sobre os 1365 quais o espírito humano parecia ter triunfado, ele os engoliu sem perceber e tornou-se o fantoche do demônio. Isto só pôde acontecer porque acreditou ter abolido os demônios declarando-os superstição. Com isso foi desconsiderado o fato de que eles são, no fundo, projeções, ou seja, produtos de certos fatores da psique humana. Mesmo declarando esses produtos inautênticos e ilusórios, suas fontes não secam nem deixam de atuar.

Ao contrário, quando se torna impossível aos demônios refugiar-se nas rochas, matas, montanhas e rios, usam a pessoa como moradia bem mais perigosa. Nos objetos da natureza sua atuação tinha limites bem mais estreitos: raras vezes acontecia que pedras soterrassem alguma cabana, que um rio transbordasse, destruindo plantações e afogando pessoas. Mas a pessoa não percebe quando é governada por demônios e empresta todo o seu poder e astúcia ao seu dominador inconsciente que chega então a uma atividade altamente diversificada.

Este modo de pensar só parece "original", estranho ou absurdo a 1366 quem nunca pensou onde desapareceram aquelas forças psíquicas que estavam incorporadas nos demônios. As descobertas da ciência merecem a nossa admiração, mas são espantosas também as consequências psíquicas desse magnífico triunfo humano. Infelizmente não existe nenhum bem neste mundo que não deva ser pago por um mal, no mínimo tão grande quanto o bem. As pessoas não sabem ainda que o maior progresso é contrabalançado por um retrocesso de igual tamanho. Não se tem noção ainda do que significa viver numa natureza des-almada.

Acredita-se, ao contrário, que foi um tremendo avanço ter o homem submetido a natureza e ter assumido, por assim dizer, o leme para guiar o navio de acordo com sua vontade. Todos os deuses e demônios, cuja niilidade física foi tão facilmente apresentada como "ópio do povo", voltam a seus lugares de origem — à pessoa humana — tornando-se um narcótico tão poderoso que o antigo "ópio" parece brincadeira de criança. O que é o nacional-socialismo (2) a não ser uma embriaguez monstruosa que precipitou a Europa numa catástrofe indescritível?

*2. Deve-se desconfiar em princípio de todos os -ismos que prometem um novo mundo "melhor," porque o mundo se torna apenas diferente, mas não melhor. A pessoa, sim, pode adotar até certo ponto uma atitude melhor ou pior, mais razoável ou menos razoável. Jamais se libertará dos males básicos da existência, sejam externos ou internos. Faria melhor conscientizando-se de que o mundo é um campo de batalha e apenas uma curta tensão entre nascimento e morte.*

O que a ciência descobriu uma vez não pode ser desfeito. O progresso da verdade não pode e nem deve ser detido. Mas o mesmo impulso pela verdade que deu origem à ciência deve também reconhecer as consequências que o progresso traz. A ciência deve também reconhecer as catástrofes psíquicas, ainda imprevisíveis, que o progresso trouxe consigo. Nas mãos do homem praticamente infantil de hoje foram colocados instrumentos de destruição que exigem uma responsabilidade ilimitada ou um medo quase doentio para impedir o abuso muito fácil do poder. O mais perigoso são as aglomerações das massas, manipuladas por algumas poucas cabeças. Já tomam forma os imensos blocos continentais que, por simples desejo de paz ou de segurança, preparam as catástrofes futuras. Quanto maior a massa voltada para uma mesma direção, mais violento e calamitoso é seu movimento!

Quando a humanidade passou de uma natureza com alma para uma sem alma, isso aconteceu da maneira mais grosseira; o animismo da natureza foi ridicularizado e condenado como supersticioso. Quando o cristianismo expulsou os antigos deuses, substituiu-os pelo Deus único. Mas quando a ciência aboliu o animismo da natureza, não lhe deu outra alma, mas colocou a razão humana acima da natureza. Sob o domínio do Cristianismo os antigos deuses foram pelo menos temidos durante muito tempo, pelo menos enquanto demónios.

A ciência, porém, não deu valor algum à alma da natureza. Estivesse ela consciente da inovação abaladora do seu procedimento, e teria refletido por um momento e ter-se-ia interrogado se não conviria muita prudência nesta operação que abolia a condição primitiva da humanidade. Se a resposta fosse positiva, então haveria necessidade de um *"rite de sortie,"* uma comunicação cerimoniosa oficial aos poderes que iam ser destronados. Assim ao menos ter-se-ia demonstrado o devido respeito à exigência deles.

Mas a ciência e a chamada humanidade culta jamais pensaram que o progresso do conhecimento científico poderia significar um *"peril of the soul"* que precisava ser antecedido por algum rito poderoso. Isto teria sido impossível, pois semelhante *"rite de sortie"* nada mais seria do que uma reverência cortês diante dos demónios; e o triunfo do iluminismo era exatamente admitir que não existia algo assim como alma da natureza. Mas só não existia aquilo que se imaginava que os espíritos fossem, pois a coisa em si existe, e precisamente na psique humana, independentemente do que acham as mentes obtusas ou esclarecidas.

Tanto existe que diante de nossos olhos o "povo mais aplicado, competente e inteligente" da Europa caiu num estado de exceção e colocou um pintor de parede, pouco dotado e que nunca se distinguiu por uma inteligência especial, mas apenas pelo uso dos métodos certos de intoxicação das massas, literalmente no altar do totalitarismo, outrora reservado só para a teocracia, e lá o deixou. Evidentemente para dirigir uma nação não há necessidade de qualquer conhecimento ou preparação e para ser um grande general não há necessidade de formação militar.

Diante disso até mesmo a inteligência empalidece e se vê forçada a admirar um "génio" sem precedentes. Foi algo realmente fora do comum quando chegou alguém e disse friamente que ele assumiria a responsabilidade. Isto foi tão surpreendente que ninguém pensou em perguntar quem estaria assumindo a responsabilidade ou em tomar as medidas necessárias contra a desordem evidente. De qualquer forma a coisa era tão grotesca que não era possível irritar-se seriamente.

A psicopatologia conhece esse tipo de "génio" de promessas irresponsáveis: chama-se *pseudologia phantastica*, e é quase uma façanha não se cair nas malhas dessas pessoas, sobretudo quando apresentam grande quantidade de sintomas de possessão como fenômenos divinatórios (pressentimentos, leitura do pensamento, etc.) e ataques de emoção patológica (o clássico

arrebatamento dos profetas). Nada é tão contagiante como a emoção e nada é mais pacificador do que o cumprimento prometido de desejos egoístas. Não ouso pensar no que teria acontecido a nós suíços se tivéssemos tido a infelicidade de ser uma nação de oitenta milhões de pessoas.

Neste caso, segundo todas as previsões psicológicas, nossa estupidez teria sido multiplicada por vinte e nossa moral dividida pelo mesmo número. Quanto maior a acumulação das massas, menor é o grau de inteligência e de moralidade. Se houvesse necessidade de prova ulterior para essa verdade, está aí como exemplo a descida da Alemanha para o submundo. Não nos devemos iludir de que não teríamos também sucumbido. O contágio da fronteira e a presença de traidores em nosso meio mostram que facilmente sucumbimos à sugestão, mesmo sem a escusa atenuante de sermos oitenta milhões.

O que nos protegeu foi sobretudo nossa pequenez e as inevitáveis consequências psicológicas disso. Em primeiro lugar a desconfiança do homem pequeno que cuidava dia e noite para que o homem grande não o enganasse ou violentasse, pois é isto que se deve pressupor do grande quando se é pequeno. Por isso, quanto mais altissonantes as palavras, mais resistência e teimosia provocam: “Agora já não quero,” diz o homem de bom senso. Ser acusado de misoneísta, conservador ou cabeçudo, isto pouco afeta a força de sua reação instintiva -no momento; mas a longo prazo, o suíço é tão “razoável” que sente uma vergonha secreta de sua morosidade, teimosia, de estar cem anos atrás no tempo e corre o risco de envolver-se no tumulto da “organização mundial”, do “espaço vital,” dos “blocos econômicos” e de outros nomes que o deus-nos-acuda atual inventa. Neste sentido não é nenhum erro permanecer fixo no passado. Via de regra é prudente demorar a embarcar no futuro, pois é duvidoso se o que vem depois é sempre melhor. Em geral é melhor com reservas, ou não o é de modo algum.

Longe de mim querer incentivar coisas ruins como a inveja e mesquinharia, mas o fato é que existem e contribuem para aumentar a desconfiança e o não querer colaborar. São como animais nocivos, mas têm também sua utilidade: Não quero evidentemente falar em favor das más qualidades, mas gosto de estudá-las porque, numa coletividade, elas são mais atraentes do que as virtudes. As primeiras têm a vantagem de aumentar na proporção do tamanho da multidão, ao passo que as últimas se neutralizam mutuamente sob as mesmas condições. Sofrem o mesmo efeito que as galerias de arte, onde a reunião de muitas obras de grandes mestres, uma ofusca a outra. A virtude é

ciumenta, mas o vício procura companheiros (e o malfeitor gosta de números grandes, despreza os pequenos e, por isso, às vezes não os leva em conta).

Graças a Deus que numa época irrequieta como a nossa somos protegidos pelas raízes profundas da tradição ainda viva e cultivada; pelo amor à pátria; por uma profunda convicção de que nenhuma árvore cresce até o céu e que, quanto mais cresce mais suas raízes se aproximam do inferno; por um gosto que prefere o meio, aquele (termo Grego) (não exagerar em nada) dos sábios gregos que só conheciam sua (termo Grego) (cidade), e provavelmente nunca sonharam com uma nação de oitenta milhões de habitantes; e finalmente pelas más qualidades, acima mencionadas, das quais certamente não queremos abrir mão. Já ouvimos várias vezes dizer do outro lado do Reno: “o povo mais saudável, trabalhador, competente, inteligente e fiel” — é o toucinho para pegar o camundongo.

Quem estiver realmente convencido da imperfeição própria e da de seu povo não sucumbe ao poder dos superlativos com os quais acena a mentira. Sabe ou deveria saber que o governante que brinca com medidas ilegítimas está trabalhando, em última análise, para a ruína do povo. A exigência de probidade por parte do representante do povo deve ser o princípio básico da política, por mais prosaico, não diplomático, não moderno e míope que isto possa soar. O êxito conseguido por meios condenáveis, mais cedo ou mais tarde acaba em ruína. A história do império alemão, desde 1871, é uma demonstração clara disso. Mas é grande o perigo de não se aprender nada a partir da história.

Tão prejudicial quanto o culto do sucesso e a crença nos superlativos parece-me a tendência atual de reduzir o homem a simples função dos fatores econômicos. O célebre dito de MOLESCHOTT (3) “A pessoa é o que ela come” não pode ser elevado a uma verdade fisiológica, pois, mesmo dependendo de sua alimentação, ela não é o que a comida é, mas como ela a digere. Todos os planos de melhoria do mundo, do sistema económico, das comunicações, das alianças nacionais, etc. se mantêm ou caem segundo a maneira como as pessoas lidam com esses fatores.

E quem não acredita que até a melhor ideia será provavelmente sabotada pela notória incompetência, estupidez, preguiça, falta de consciência, egoísmo, etc. humanos, pode desde logo empacotar suas tabelas estatísticas. Por outro lado, um sistema remendado por inúmeros compromissos, sobrecarregado de todo tipo de apêndices históricos aparentemente incómodos e desnecessários,

permite a um Estado prosperar sofrivelmente, enquanto a maioria de seus cidadãos ainda possui um senso não atrofiado de justiça.

Ninguém pode negar a importância das relações económicas, mas é muito mais importante o modo como os cidadãos encaram suas inevitáveis oscilações. Acima dos fatores externos, as decisões últimas sempre cabem à psique humana. O facto de se ter um "espaço vital" grande ou pequeno pouco significa diante da questão se possuímos uma psique sadia ou "propensa à insanidade." Os "líderes" devem ter percebido claramente onde a necessidade é maior: falta de uma autoridade inquestionavelmente espiritual e moral. O Papa e a Igreja podem dizer que são esta autoridade, mas quantos acreditam nisso? A gente deveria acreditar nisso; mas não usamos sempre esta palavrinha "deveria" quando precisamos admitir que não sabemos exatamente donde poderia provir o remédio necessário?

Não creio que o apelo à consciência religiosa da humanidade ainda encontre hoje em dia um eco respeitável. Os modernos traficantes de entorpecentes substituíram esse "ópio" por preparados mais eficazes. Hoje em dia a ciência representa a grande força para o bem ou para o mal. A ciência não trouxe uma nova época de descrença, ela é esta época. Quando alguma coisa é rotulada de "científica," é certo que receberá uma atenção positiva por parte de todos que valorizam sua inteligência e reputação intelectual. Aqui teríamos, portanto, uma autoridade bastante aceita que deu provas não só de iconoclastia mas também de sua força positiva.

Há quase meio século a ciência começou a examinar sob a lente do microscópio algo que é mais invisível do que o átomo, isto é, a psique humana; e o que foi descoberto inicialmente longe está de ser divertido.

*3. JACOB MOLESCHOTT (1822-1893), professor de fisiologia e médico prático.*

Tivéssemos a necessária fantasia, deveríamos ficar consternados diante dessas descobertas. Mas acontece ao psicólogo de hoje praticamente o mesmo que aconteceu ao físico que descobriu os elementos da futura bomba atómica, capaz de transformar a terra em outra nova. Só pressente atrás disso um problema interessante e científico, sem perceber que com isso o fim do mundo se torna uma realidade palpável. O caso da psicologia ainda não é tão grave, mas em todos os casos ela descobriu onde estão atualmente alojados aqueles demônios que em tempos antigos dominavam a natureza e consequentemente o

destino das pessoas, e descobriu também que o iluminismo não lhes fez mal algum.

Ao contrário, estão ativos e bem-dispostos como outrora, e sua atividade ampliou- se inclusive a ponto de poderem reportar-se a todas as realizações da mente humana. Sabemos hoje que existem no inconsciente de toda pessoa propensões instintivas ou sistemas psíquicos carregados de grande tensão. Quando são ajudados de qualquer maneira a irromper na consciência, e esta não é capaz de interceptá-los por meio de formas igualmente elevadas, eles arrebentam tudo como rio caudaloso e transformam as pessoas em criaturas para as quais o nome “besta” é bom demais.

Só podemos dar-lhes o nome de “demónios.” Para provocar na massa esses fenômenos basta um ou alguns possessos. A antiga possessão não se tornou obsoleta, só mudaram os nomes: antigamente o nome era “espírito maligno,” hoje é “neurose” ou “complexos inconscientes”. Como em tudo, também aqui o nome não tem importância. O facto é que uma pequena causa inconsciente basta para destruir um destino humano, arruinar uma família e atuar durante gerações como uma maldição dos atridas.

Se acontecer que esta disposição inconsciente seja comum à grande maioria dos habitantes de um país, então basta um único desses indivíduos possessos de complexos, que se arvora em megafone da nação, para precipitar a catástrofe. O povo bom, em sua inocência e inconsciência, não sabe o que está acontecendo quando é transformado do dia para a noite numa “raça dominante” (uma obra satânica que já tantas vezes transformou bosta de cavalo em ouro) e a Europa, estupefata, mal consegue localizar-se na “Nova Ordem”, onde algo de tão monstruoso (pensemos na relação que existe entre Maidanek e ECKHART, LUTERO, GOETHE e KANT!) não é apenas possibilidade mas a crua realidade (4).

*4. Os parágrafos 1375-1383 foram publicados em Basler Nachrichten, n. 486 (16 de novembro de 1946) sob o título “Zur Umerziehung des deutschen Volkes” (Sobre a reeducação do povo Alemão).*

Inúmeras pessoas se perguntaram como foi possível uma nação culta 1375 como a Alemanha chafurdar nesse atoleiro infernal? Escrevi certa vez, há muitos anos, que a Alemanha era o país das catástrofes espirituais (5). Quando o delírio neogermânico anuncia que os alemães são o povo eleito, e quando esses, por inveja concorrencial, perseguem os judeus com os quais têm em

comum certas características psicológicas (atrás de toda perseguição há um amor secreto, como atrás de todo fanatismo se esconde uma dúvida), então existe realmente uma peculiaridade, uma “eleição.” Pois ninguém pode ser atingido tão profundamente, se não tiver essa grande profundidade. Quando isto acontece a alguém, ele procura por outro lado o mais alto, isto é, a esta profundidade corresponde uma altitude potencial, e à escuridão mais densa corresponde uma luz escondida.

Esta luz é atualmente invisível porque está soterrada e escondida na profundeza da psique. Tudo correu muito torto na Alemanha, e o que aconteceu foi uma caricatura infernal da resposta que o espírito Alemão deveria ter dado para a Europa sobre a questão de uma nova era. Em vez de refletir sobre essa questão, caiu na esparrela do super-homem, figura que a mente neurótica e degenerada de NIETZSCHE criou para compensar a sua própria fraqueza. (E isto não sem alguma desculpa, pois aquele Fausto que fez o pacto com o diabo era seu compadre). A Alemanha sujou seu nome e sua honra com o sangue de inocentes e tomou sobre si a maldição da eleição. Despertou um ódio tão grande no mundo todo que é difícil restabelecer o equilíbrio na balança da justiça.

E assim mesmo, o primeiro a entrar no paraíso com o Salvador foi o ladrão. O que diz o Mestre ECKHART? “Por esta razão Deus está disposto a suportar o impacto dos pecados e muitas vezes fecha os olhos para eles; em geral envia-os para as pessoas a quem preparou algum destino maior. Vede! Quem era mais íntimo ou mais caro ao Senhor do que seus apóstolos? Nenhum deles caiu em pecado mortal, mas todos eram pecadores mortais” (6).

Em parte nenhuma os opostos estiveram mais separados do que no 1376 povo Alemão. Parece um doente que foi vítima de seu inconsciente e não conhece mais a si mesmo.

*5. Wotan (OC, vol. X, par. 391).*
*6. “Daz ist von Siinden...”, in: Deutsche Mystiker II, p. 557, 28-34.*

A psicologia sabe que certas forças perigosas e inconscientes podem 1377 ser neutralizadas ou mantidas em xeque quando se consegue torná-las conscientes às pessoas, isto é, quando o paciente consegue assimilá-las e integrá-las no todo da personalidade. Enquanto o psiquiatra se ocupar da terapia psíquica desses complexos, terá que lidar todos os dias com “demônios,” isto é, com aqueles fatores psíquicos que apresentam traços demoníacos quando são

fenômenos de massa. Mas uma operação in- cruenta desse tipo só tem êxito quando se trata de um único indivíduo. Se for uma família inteira, a relação passa a ser de 1:10 ou mais, e só um milagre pode encontrar o remédio. Tratando-se de um povo inteiro, então a artilharia dirá a palavra final. Se isto quer ser evitado, é preciso começar com o indivíduo, o que pode parecer um trabalho de Sísifo, lamentavelmente longo e sem esperança.

Seja como for, as pessoas ficam tão impressionadas com o poder sugestivo da oratória de megafone que tendem a acreditar que estes meios ruins, isto é, o hipnotismo das massas, podem ser usados para fins bons por meio de discursos "inflamados," palavras "vigorosas" e sermões enternecedores. Não quero negar sem mais a afirmação dos meios santificados pela finalidade (pois nada é totalmente certo ou totalmente errado), mas devo frisar que a persuasão das massas para o bem compromete a sua finalidade, pois ela é, no fundo, apenas propaganda, cujo efeito desaparece na primeira oportunidade. Os inúmeros discursos e escritos sobre "renovação" são inúteis, palavrório que a ninguém comove e a todos chateia.

Se o todo precisa mudar, primeiro deve mudar o indivíduo. O bem é um dom e uma conquista do indivíduo. Como sugestão de massa é simples entorpecente que nunca teve o valor de virtude. O bem é unicamente adquirido pelo indivíduo enquanto conquista pessoal. Nenhuma massa pode fazer isso por ele. O mal, porém, precisa da massa para a sua existência e permanência. Os homens dominadores das SS são todos eles, individualmente considerados, indescritivelmente pequenos e feios. Mas a pessoa boa brilha como pedra preciosa que foi perdida no Saara.

A ciência sabe que nenhuma epidemia pode ser isolada por cordão sanitário, se o indivíduo não for impedido de ultrapassá-lo. Não se pode confiar na limpeza de um povo, se o indivíduo não está convencido de que deve lavar-se todo dia. Talvez num futuro mais esclarecido o candidato a um cargo público deva submeter-se a uma comissão psiquiátrica para ver se não é portador de bacilos psíquicos. (O que esta medida, antes de 1933, não teria poupado ao mundo!).

A desafetação dos escalões mais altos seria mero paliativo, pois a verdadeira cura consistiria na imunização dos indivíduos. Mas aqui está o nó da questão, porque mudar o indivíduo parece um caminho muito longo e desanimador. Mas é preciso lembrar que só existem duas outras possibilidades. A primeira seria o método de êxito garantido da sugestão das massas, que infelizmente só funciona bem quando se quer desmoronar ou implodir alguma coisa. Com isso

só se constroem castelos de cartas, campos de concentração ou fogueiras. Este método não é, portanto, aconselhável. A segunda possibilidade seria cruzar os braços, esconder a cabeça na areia e entregar tudo a Deus ou ao diabo. É extremamente difícil e irritante deixar que as coisas sigam seu curso natural. Se, ao final, o resultado fosse razoável, teria acontecido algo como um "crime de lesa-majestade humana". Também isto não é um caminho trilhável.

Resta, portanto: Só com o indivíduo é possível fazer alguma coisa. O surgimento e a expansão do cristianismo mostram que algo parecido não é totalmente impossível. Até mesmo o cético tem de concordar que o Cristianismo trouxe certa mudança psíquica, ainda que mais ou menos superficial (7). Expulsou muitos demônios (mas reuniu-os novamente em outro lugar) e procedeu inclusive à des-deificação da natureza. Abstraindo de algumas conversões em massa, ele se difundiu principalmente pela atuação de um indivíduo sobre o outro.

Nos primórdios do cristianismo, o indivíduo era abordado pessoalmente, e esta abordagem individual prosseguiu na pastoral da Igreja durante séculos. (No protestantismo é preciso perguntar onde, devido à exclusividade da pregação, foi parar a pastoral?) Sem abordagem pessoal não existe influência pessoal, a única capaz de mudar para o bem a atitude do indivíduo. Para isso é necessário não só o engajamento pessoal daquele a ser mudado, mas sobretudo daquele que quer mudar o outro. Só se deixa influenciar por gestos e palavras aquele que está a ponto de cair fora, só está esperando uma desculpa ou ocasião adequada.

Necessárias são algumas verdades esclarecedoras, mas não artigos de fé. Onde atua uma verdade compreensível, também a fé se estabelece de boa vontade; e esta sempre ajudou onde o pensamento e a compreensão não se entenderam plenamente. A compreensão nunca é o auxiliar da fé, mas a fé complementa a compreensão. Educar as pessoas numa fé que elas não compreendem é sem dúvida um esforço bem intencionado.

Mas arrisca-se assim criar uma atitude que acredita em tudo que não compreende. Parece-me que foi isso que preparou o terreno para o "gênio do Fuhrer." É muito cômodo poder simplesmente acreditar quando se tem medo do esforço da compreensão.

*7. Diante dos acontecimentos mais recentes na Europa, é preciso precaver-se contra a pressuposição de que a educação cristã penetrou na medula.*

Na medicina chama-se terapia sugestiva à tentativa de construir a fé ou pregar a fé. Tem a desvantagem de tirar ou incutir nas pessoas algo que elas não intencionam nem querem. A fé infantil, onde ela se mani- festa naturalmente, é um carisma. Mas quando a “alegria da fé” e a “confiança infantil” são conseguidas por meio da educação religiosa, já não se trata de carisma, mas de um presente dos deuses ambíguos, pois podem ser manipuladas muito facilmente e com maiores resultados também por outros “salvadores” (daí a queixa de muitos Alemães a respeito do uso vergonhoso que se fez das melhores qualidades do povo
Alemão: sua fé, sua lealdade e seu idealismo).

Sendo a Igreja ainda o maior instituto de educação das massas, sem nenhum concorrente do mesmo valor, deve pensar futuramente num maior refinamento de seus métodos, sobretudo se quiser atingir as pessoas cultas. Estas não são de forma alguma quantidade desprezível, pois, como mostram certas estatísticas, o que elas pensam e escrevem está difundido entre as massas num espaço de tempo menor do que uma geração.

Por exemplo, o livro extremamente estúpido do senhor BUCHNER Kraft und Stoff (8) foi, após um espaço de vinte anos, o livro mais lido nas bibliotecas populares da Alemanha. A pessoa culta é e continua sendo um líder do povo, quer ela o saiba ou não, quer ela o queira ou não. O povo procura, apesar de tudo, compreender. Ainda que no plano original da criação não estivesse claramente previsto que os primeiros pais comessem da árvore do conhecimento, parece que assim aconteceu e, desde então, já não é possível girar em sentido inverso a roda da história.

O povo está cada vez mais ávido desses frutos. É um sinal de esperança, pois, além das bombas estratosféricas e das sedutoras possibilidades do urânio, talvez existam também verdades salutares que ensinem ao homem sua verdadeira natureza e lhe mostrem sua periculosidade com a mesma evidência que a moderna higiene mostra a etiologia do tifo e da varíola. Talvez estas verdades contribuam também para que as pessoas assumam aquela atitude que as grandes religiões sempre quiseram inculcar na humanidade.

**PREFÁCIO AO LIVRO DE NEUMANN:**
**“DEPTH PSYCHOLOGY AND A NEW ETHIC”**

(Vida Simbólica página 191)

O autor deste livro pediu-me um prefácio. Faço-o de boa vontade, 1408 dentro de minhas limitações. Ocupei-me do campo da psicologia profunda apenas como empírico, não como filósofo, e não posso gloriar-me de alguma vez ter tentado formular princípios éticos. Meu trabalho profissional teria dado muita oportunidade para isso, pois as causas principais da neurose são conflitos de consciência e problemas morais difíceis, cujo processo de cura exige que se dê uma resposta a eles.

O psicoterapeuta está, por isso, numa posição sumamente ingrata. Aprendeu da longa e muitas vezes dolorosa experiência que é relativamente inútil inculcar preceitos morais nos pacientes e que precisa renunciar a qualquer conselho ou advertência que comecem coma palavra “deve”. Acresce ainda que, com o aumento da experiência e conhecimento das conexões psíquicas, diminui a convicção de saber com certeza, no caso individual, o que é bom e o que é mau. Em relação a nós, a outra pessoa é realmente um outro, inclusive um profundo estranho, quando a discussão chega ao essencial, isto é, à sua individualidade única. O que é bom então? Bom para ele? Bom para mim?

Bom para seus familiares? Bom para a sociedade? O julgamento envereda desesperadamente por uma trilha de considerações e relações que, se as circunstâncias não nos obrigarem a cortar o nó górdio, melhor seria deixar a coisa como está ou contentar-nos por oferecer ao sofredor uma modesta contribuição para desembaraçar as cordas.

*“Psicologia profunda e nova ética”. Escrito em 1949 para uma planejada edição Inglesa do livro de ERICH NEUMANN, Tiefenpsychologie und neu Ethik (Zurique 1949). Para conhecer o julgamento de JUNG, cf. Cartas Il (a NEUMANN, dezembro de 1948, e ao Dr. Júrg Fierz, 13 de janeiro de 1949). Trad. para o português pela Ed. Paulinas, S. Paulo 1991.*

Por estas razões é difícil ao médico formular princípios éticos. Isto não significa, porém, que esta tarefa não exista ou que sua solução seja totalmente impossível. Reconheço que hoje há necessidade urgente de formular os problemas éticos de uma maneira nova, pois, como diz muito bem o autor, surgiu uma situação totalmente nova desde que a moderna psicologia ampliou

seus conhecimentos sobre os processos inconscientes. Concomitantemente, por assim dizer, aconteceram e ainda acontecem coisas na Europa que ultrapassam de longe a crueldade do Império Romano e o terror da Revolução Francesa. São coisas que puseram a nu toda a fraqueza do nosso sistema ético.

Os princípios morais que parecem claros e inequívocos para a consciência do eu perdem a sua força de convicção e, com isso, sua aplicabilidade quando se considera a sombra compensadora sob o ângulo da responsabilidade ética. Qualquer pessoa com algum senso ético se vê forçada a fazê-lo. Apenas alguém reprimido ou moralmente embotado será capaz de negligenciar esta tarefa, mas não será capaz de se livrar das funestas consequências desse comportamento. (A este respeito o autor diz algumas verdades que merecem consideração).

A enorme revolução em nossos conceitos que, devido à descoberta do inconsciente, em parte já se realizou e, em parte, ainda virá, é pouco compreendida e, até mesmo, pouco percebida hoje em dia. O pressuposto psicológico das afirmações filosóficas, por exemplo, é desprezado ou obscurecido propositalmente de modo que certas filosofias modernas abrem o flanco para críticas psicológicas. O mesmo vale para a ética.

É compreensível que seja o psicólogo clínico o primeiro a perceber as falhas ou os males da época, pois diante dele se apresentam as vítimas das dificuldades atuais e ele é o primeiro a se ocupar com elas. A cura da neurose não é, em última análise, um problema técnico, mas um problema moral. Há, supostamente, soluções técnicas provisórias, mas que nunca resultam numa atitude ética que poderíamos chamar de verdadeira cura. Toda conscientização e todo ato de cura significam no mínimo um passo adiante no caminho da individuação, ou seja, da “totalização” do indivíduo. Mas a integração da personalidade é inconcebível sem a relação responsável, ou seja, moral das partes entre si, assim como é impossível a constituição de um país sem a inter-relação de seus membros.

Portanto, o problema ético se coloca por si, e cabe, em primeiro lugar, ao psicólogo encontrar uma resposta e ajudar a seus pacientes a encontrá-la também. Este trabalho é muitas vezes enfadonho e difícil; ele não pode ser realizado através de curtos-circuitos intelectuais ou de receitas morais, mas unicamente através de cuidadosa observação das condições internas e externas e através de paciência e tempo para a cristalização gradual de um objetivo e de uma orientação pelos quais o paciente possa responsabilizar-se. O analista

aprende sempre que a problemática ética é assunto da maior intimidade do indivíduo, que as diretrizes morais coletivas são no máximo soluções provisórias que nunca levam a decisões capazes de mudar o destino da pessoa. “A diversidade e complexidade da situação torna impossível estabelecermos qualquer regra teórica de comportamento ético.”

A formulação de normas éticas não é apenas difícil mas impossível porque praticamente não existe nenhuma frase que não devesse ser também invertida para ser válida. Inclusive a frase “conscientizar é bom” só tem validade condicional, pois não é raro encontrarmos situações em que a conscientização teria as mais funestas consequências. Por isso tomei como norma considerar como obrigatória a “velha ética” enquanto não houver provas de ser prejudicial à vida. Mas se houver ameaça de efeitos perigosos, estaremos diante de um problema da maior gravidade,” cuja solução desafia toda a personalidade, exigindo o máximo de atenção, paciência e tempo. De acordo com a minha experiência, esta solução é sempre individual e de valor apenas subjetivo. Num esforço desses, devem ser consideradas seriamente todas as ponderações que o autor faz.

Apesar de sua natureza subjetiva, essas ponderações só podem ser formuladas como conceitos coletivos. Mas como ideias desse tipo se repetem frequentes vezes na prática, pois a integração de conteúdos inconscientes coloca continuamente essas questões, segue-se necessariamente que, apesar da diversidade individual, há certa regularidade que torna possível a abstração de algumas normas. Como isso não quero dizer que alguma dessas normas seja absolutamente válida, porque às vezes seu oposto também pode ser verdadeiro. Esta é a grande dificuldade que nos coloca a integração do inconsciente: temos de aprender a raciocinar em antinomias, tendo presente que toda verdade última representa uma antinomia se levada ao extremo. Todas as nossas afirmações sobre o inconsciente são verdades “escatológicas,” isto é, conceitos-limite que formulam um fato ou uma situação

*1. Ec. p. 99.*
*2. “Les plus misérables des inventeurs sont ceux qui inventent une nouvelle moralité: ce sont toujours des immoralistes (Os inventores mais miseráveis são aqueles que inventam uma nova moralidade: são sempre imoralistas), disse certa vez um aforista. apenas parcialmente apreensíveis e, por isso, são em princípio somente válidos ou inválidos condicionalmente.*

Os problemas éticos que não podem ser resolvidos do ponto de vista da moral coletiva ou da “velha ética” são conflitos de deveres, caso contrário não seriam éticos. Apesar de não partilhar do otimismo de FRIEDRICH THEODOR VISHER de que a moralidade é sempre auto-evidente, sou de opinião que, ao trabalhar um problema difícil, é preciso considerar seu aspeto moral, caso não se queira correr o risco de uma repressão ou de uma fraude. Quem engana os outros engana a si mesmo, e vice-versa. Não se consegue nada com isso, muito menos a integração da sombra.

Esta faz as maiores exigências à moral do indivíduo, pois a “aceitação do mal” significa que toda a existência moral foi colocada em questão. Trata-se de decisões de graves consequências. Quando um alquimista diz: “a arte exige o homem todo”, isto vale mais ainda para a integração do inconsciente, que foi antecipada simbolicamente pela alquimia. É evidente, portanto, que uma solução só é satisfatória quando nela o todo da psique pode manifestar-se a contento. Mas isto só é possível quando a consciência leva em consideração o inconsciente, quando o desejo é confrontado com suas possíveis consequências e quando o agir está sujeito à crítica moral.

Não se deve esquecer que a lei moral não é apenas algo imposto de fora à humanidade (por exemplo, por um avô ranzinza), mas é expressão de uma realidade psíquica. Como regra e esquema do agir, corresponde a uma imagem pré-moldada, a um “padrão de comportamento” de natureza arquetípica e que está profundamente enraizado no ser humano. Não significa um conteúdo determinado, mas uma forma específica que pode ter os mais diversos conteúdos.

Para alguém é bom matar aquele que pensa de modo diferente; para um outro vale o princípio da tolerância; para um terceiro é pecado tirar o couro de um animal com faca de ferro; para um quarto é falta de respeito pisar na sombra do chefe, etc. É fundamental a todas essas normas o “observar religioso” ou a “consideração conscienciosa,” e isto envolve um esforço moral, indispensável ao desenvolvimento da consciência. Um dito de Jesus, contido no Codex Bezae (referente a Lucas 6,4) expressa isso de forma lapidar e profunda:

“Homem, se sabes o que fazes és abençoado, mas se não o sabes és maldito e um transgressor da Lei”?

3. HENNECKE (ed.), Neutestamentliche Apokryphen, p. 11.

Poderíamos então definir a “nova ética” como um desenvolvimento 1416 e diferenciação dentro da chamada ética antiga e com base nela, restrita por ora àqueles casos raros em que as pessoas, na situação de hoje e premidas por conflitos inevitáveis de deveres, fazem a tentativa de colocar numa relação responsável o inconsciente com a consciência.

Sendo a ética um sistema de exigências morais, segue-se que toda 1417 inovação dentro ou acima desse sistema deve possuir um caráter “deontológico.” Mas a situação psíquica à qual se aplicaria esta admoestação “você deveria” é tão complicada, delicada e difícil que eu não saberia dizer quem poderia propor semelhante exigência. Isto nem seria necessário, pois quem se defronta com tal situação e dispõe de um certo senso ético já tem esta exigência dentro de si e sabe muito bem que não existe moral coletiva que o possa tirar de seu dilema. Se os valores da ética “antiga” não estivessem arraigados até a medula dos ossos, a pessoa não teria chegado a esta situação. Tomemos, por exemplo, o preceito de validade geral “não deves mentir.”

Mas o que fazer quando se está numa situação — que é frequente no consultório médico — em que o dizer a verdade ou o simples calar a verdade pode causar uma catástrofe? Se não quisermos provocar diretamente uma desgraça, não há outra saída do que inventar uma mentira convincente, baseados na sã razão, na disposição de ajudar, no amor ao próximo, na compreensão psicológica, na consideração do destino de outras pessoas talvez envolvidas — em resumo, baseados em motivos éticos tão fortes ou mais fortes ainda do que aqueles que nos obrigam a dizer a verdade. Em tais casos costumamos tranquilizar-nos dizendo que foi por uma boa causa e que, portanto, foi moralmente correto. Mas quem tiver uma visão mais profunda sabe que, por um lado, foi covarde demais para provocar uma catástrofe e, por outro, mentiu despudoradamente. Praticou o mal e ao mesmo tempo o bem.

Ninguém está além do bem e do mal, caso contrário estaria além dessa vida. A vida é um contínuo equilíbrio entre os opostos, como qualquer outro processo energético. A abolição dos opostos seria o mesmo que a morte. NIETZSCHE escapou da colisão dos opostos indo para o manicómio. O iogue chega ao “nirdvandva” (livre dos dois) na rígida posição do lótus do “samadhi” (refugiar-se na meditação) inconsciente e inativo.

Mas a pessoa normal está entre os opostos e sabe que, enquanto tudo estiver bem, nunca poderá aboli-los. Como não existe bem sem o mal também não há mal sem o bem. Um é condição do outro; se assim não fosse, um se tornaria o

outro, ou um eliminaria o outro. Se tivermos senso ético e estivermos convencidos da sacralidade dos valores éticos, então estaremos no caminho mais seguro da colisão de deveres. Mesmo que isto se pareça desesperadoramente a uma catástrofe moral, é a única possibilidade de surgir uma diferenciação ética mais elevada e uma consciência mais aberta. O conflito de deveres nos força a examinar nossa consciência, possibilitando assim a descoberta da sombra. E esta, por sua vez, nos obriga a um entendimento com o inconsciente e a uma integração dele. O autor descreve com louvável clareza os aspetos éticos desse processo de integração.

Quem não está familiarizado com a psicologia do inconsciente acha difícil imaginar o papel que o inconsciente desempenha no processo analítico. O inconsciente é uma entidade psiquicamente viva e, ao que parece, com relativa autonomia, comportando-se como uma personalidade dotada de intenções próprias. Em todo caso, seria totalmente incorreto considerar o inconsciente como simples “material” ou como objeto passivo para ser usado e manipulado. Também a sua função biológica não pode ser considerada como uma espécie de complementação mecânica da consciência. Ele tem mais o caráter de compensação, isto é, de uma escolha inteligente dos meios que visam não só ao estabelecimento do equilíbrio mas também à progressão no sentido da totalidade.

A reação do inconsciente não é de forma alguma meramente passiva, mas toma iniciativas e é criadora; e às vezes sua atividade intencional predomina sobre sua reatividade costumeira. Como participante do Jogo da diferenciação da consciência ele não faz apenas oposição, mas contribui positivamente, através da revelação de seus conteúdos, para o enriquecimento da consciência, promovendo assim sua diferenciação. Só se verifica uma oposição hostil quando a consciência teima em sua unilateralidade e insiste em seu ponto de vista arbitrário, o que acontece sempre que há uma repressão e, consequentemente, uma dissociação parcial da consciência.

Esta natureza do inconsciente faz com que o entendimento ético com ele tenha caráter especial: não se trata de lidar com um material dado, mas de negociar com uma minoria (ou maioria, conforme o caso) com iguais direitos. Por isso o autor compara muito bem a relação com o inconsciente ao sistema parlamentar de uma democracia, enquanto a ética “antiga” imita ou prefigura inconscientemente o procedimento de uma monarquia absolutista ou de uma ditadura de partido único como acontece nas chamadas “democracias populares”. Por meio da ética “nova” a consciência do eu é removida de sua

posição central monárquica, fascista ou democrático-popular, e em seu lugar entra ou, melhor, é considerada central a totalidade, isto é, o si-mesmo. Este esteve desde sempre no centro e sempre desempenhou o papel de dirigente secreto.

Este estado de coisas já foi projetado até os céus, por assim dizer, pelo sistema metafísico dos gnósticos: a consciência do eu como o vaidoso demiurgo que supunha ser o único criador do universo e o Deus supremo e incognoscível do qual o demiurgo era uma emanação. À união entre consciência e inconsciente, ou seja, o processo de individuação, que é o cerne do problema ético, foi projetado como drama de salvação e consistia (em alguns sistemas) no descobrimento e reconhecimento, por parte do demiurgo, da existência do Deus altíssimo.

Este paralelo pode servir para indicar a magnitude do problema que estamos analisando e chamar a atenção para o caráter especial do confronto ético com o inconsciente. Trata-se aqui realmente de coisas essenciais. Isto explica por que a questão de uma “nova” ética se apresenta ao autor como algo muito sério e urgente, assunto que tratou com audácia, acuidade, paixão e reflexão intelectual em seu livro. Louvo o trabalho do autor como a primeira e notável tentativa de formular os problemas éticos, surgidos com a descoberta do inconsciente, e torná-los objeto de discussão.

Março de 1949<br>C.G. JUNG

## TÉCNICAS DE MUDAN ÇA DE ATITUDE A SERVIÇO DA PAZ MUNDIAL

(Vida Simbólica 2 página 181
)

Memorando à UNESCO

A psicoterapia, como ensinada e praticada no Instituto C.G. Jung de 1388 Psicologia Analítica, em Zurique, pode ser descrita como técnica para mudar a atitude mental. É um método pelo qual podem ser tratadas não só as neuroses e psicoses funcionais, mas também toda espécie de conflitos mentais e morais das pessoas normais. Consiste principalmente

*Texto extraído de um manuscrito, com passagens escritas à máquina, escrito em inglês, em 1948, em resposta a uma pesquisa da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). A Segunda Conferência Geral da UNESCO, em novembro-dezembro de 1947, havia aprovado uma resolução, incumbindo o Diretor Geral de promover "pesquisas sobre os métodos modernos que foram desenvolvidos nas áreas da educação, ciências políticas, filosofia e psicologia para mudar as atitudes mentais e sobre as circunstâncias sociais e políticas que favorecem o emprego de técnicas especiais".*

*Por isso foram solicitados memorandos de representantes de institutos especializados, incluindo a International Psychoanalytic Association, o Tavistock Institute of Human Relations e o C.G. Jung-Institut fur Analytische Psychologie. O senhor P.W. Martin, um funcionário da UNESCO, fez as negociações junto ao Jung-Institut.*

*O memorando de JUNG, aqui publicado com pequenas alterações linguísticas, foi posteriormente incorporado num texto, preparado pela Dra. Jolande Jacobi a pedido do Jung-Institut e enviado à UNESCO, em 23 de junho de 1948, para discussão na Conferência sobre métodos de mudança de atitude em prol da compreensão internacional, em outubro de 1948, em Royaumont (perto de Paris).*

*Mas o memorando do Jung-Institut não foi incluído na agenda da Conferência de Royaumont. Agradecemos à UNESCO-Press a autorização de publicar este memorando, bem como a Mr. J. Havet, Diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, por suas sugestões e ajuda em 1974.*

na integração dos conteúdos inconscientes na consciência. Uma vez que a mente inconsciente complementa ou, mais exatamente, compensa a atitude consciente, torna-se de grande utilidade prática quando a atitude da consciência se desvia para um lado a ponto de comprometer o equilíbrio mental. É o caso das neuroses e psicoses.

Os conflitos mentais e morais das pessoas normais apresentam um distúrbio de equilíbrio que varia de pessoa para pessoa: os opostos em conflito são ambos conscientes, ainda que nas neuroses a metade contraditória é em geral inconsciente. Mas, mesmo em pessoas normais, a atitude mental se baseia apenas parcialmente em motivos conscientes e racionais. Número razoável de motivos, muitas vezes decisivo, permanece inconsciente.

O inconsciente consiste de:

a. Conteúdos outrora conscientes, mas agora esquecidos ou reprimidos.

b. Elementos e combinações de elementos subliminares ainda não conscientes.

c. Padrões instintivos hereditários, os chamados arquétipos, que determinam o comportamento humano.

Todos esses conteúdos e elementos constituem juntos uma matriz da consciência que não funcionaria sem a constante colaboração deles. A dissociação entre consciência e inconsciente causa imediatamente distúrbios patológicos. Por isso, o inconsciente é um fator da maior importância biológica. Seu aspeto fisiológico consiste no funcionamento de todos os centros subcorticais que não podem ser influenciados pela vontade, e seu aspeto psicológico consiste daquelas tendências emocionais e dominantes na natureza humana que não podem ser governados pela razão.

Essas tendências são extremamente dinâmicas e de natureza ambivalente. Se corretamente entendidas, dão um suporte muito bem-vindo e útil às convicções e decisões conscientes. Se erroneamente entendidas e direcionadas, paralisam e cegam as pessoas, empurrando-as para uma psicose de massa. É, pois, de vital importância na psicologia clínica ter acesso a esse reservatório de energia, e nenhuma tentativa de mudar as atitudes mentais pode ter êxito permanente sem estabelecer primeiro um novo contato com o inconsciente.

O enorme efeito psicológico, causado por Hitler, baseou-se em seu método, altamente engenhoso, de jogar com o bem conhecido complexo de inferioridade nacional dos Alemães, sendo ele mesmo seu exemplo mais gritante. Uma liberação semelhante, mas positiva, desse dinamismo inconsciente foi a expansão na integração dos conteúdos inconscientes na consciência. Uma vez que a mente inconsciente complementa ou, mais exatamente, compensa a atitude consciente, torna-se de grande utilidade prática quando a atitude da consciência se desvia para um lado a ponto de comprometer o equilíbrio mental. É o caso das neuroses e psicoses.

Os conflitos mentais e morais das pessoas normais apresentam um distúrbio de equilíbrio que varia de pessoa para pessoa: os opostos em conflito são ambos conscientes, ainda que nas neuroses a metade contraditória é em geral

inconsciente. Mas, mesmo em pessoas normais, a atitude mental se baseia apenas parcialmente em motivos conscientes e racionais. Número razoável de motivos, muitas vezes decisivo, permanece inconsciente.

O inconsciente consiste de:

a. Conteúdos outrora conscientes, mas agora esquecidos ou reprimidos.

b. Elementos e combinações de elementos subliminares ainda não conscientes.

c. Padrões instintivos hereditários, os chamados arquétipos, que determinam o comportamento humano.

Todos esses conteúdos e elementos constituem juntos uma matriz da consciência que não funcionaria sem a constante colaboração deles. A dissociação entre consciência e inconsciente causa imediatamente distúrbios patológicos. Por isso, o inconsciente é um fator da maior importância biológica. Seu aspeto fisiológico consiste no funcionamento de todos os centros subcorticais que não podem ser influenciados pela vontade, e seu aspeto psicológico consiste daquelas tendências emocionais e dominantes na natureza humana que não podem ser governados pela razão. Essas tendências são extremamente dinâmicas e de natureza ambivalente. Se corretamente entendidas, dão um suporte muito bem-vindo e útil às convicções e decisões conscientes.

Se erroneamente entendidas e direcionadas, paralisam e cegam as pessoas, empurrando-as para uma psicose de massa. É, pois, de vital importância na psicologia clínica ter acesso a esse reservatório de energia, e nenhuma tentativa de mudar as atitudes mentais pode ter êxito permanente sem estabelecer primeiro um novo contato com o inconsciente. O enorme efeito psicológico, causado por Hitler, baseou-se em seu método, altamente engenhoso, de jogar com o bem conhecido complexo de inferioridade nacional dos Alemães, sendo ele mesmo seu exemplo mais gritante.

Uma liberação semelhante, mas positiva, desse dinamismo inconsciente foi a expansão avassaladora do cristianismo no segundo e terceiro séculos, e a difusão explosiva do Islão no século sétimo. Um exemplo instrutivo da insanidade epidêmica foi a mania da caça às bruxas nos países germânicos no século XV. Isto foi a causa de uma verdadeira campanha de esclarecimento, iniciada pela Bula papal Summi desiderantes, em 1484.

Devo ressaltar que “atitude mental” é um conceito que não descreve ou define muito bem o que entendemos por este termo. A atitude visada por nosso método não é apenas um fenômeno mental, mas também moral. Uma atitude é governada e sustentada por uma ideia consciente dominante, acompanhada por uma chamada “carga emocional”, isto é, um valor emocional que é responsável pela eficácia da ideia. A simples ideia não tem qualquer efeito prático ou moral se não estiver baseada numa qualidade emocional, tendo normalmente um valor ético.

Na maior parte das vezes, uma dissociação neurótica é devida ao efeito de uma ideia intelectual ou moral que constitui um ideal incompatível com a natureza humana. O contrário também é verdadeiro, quando uma ideia imoral dominante suprime a melhor natureza de um indivíduo. Em ambos os casos, a atitude é determinada tanto por fatores mentais quanto morais. Isto explica por que uma mudança de atitude não é tarefa fácil, uma vez que sempre envolve esforço moral considerável. Se este falhar, a atitude não se modificará realmente e os velhos costumes persistirão sob o disfarce de novos slogans.

O *método* só pode ser descrito em seus aspetos gerais:

a. O paciente faz um relato honesto de sua biografia.

b. Reúne os sonhos e outros produtos do inconsciente e os submete à análise.

c. O procedimento analítico procura estabelecer o contexto que envolve cada item do sonho, etc. Isto é feito recolhendo-se as associações referentes a cada item. Esta parte é executada sobretudo pelo paciente.

d. O contexto elucida o texto incompreensível do sonho, da mesma forma que os paralelos filológicos tornam legíveis textos corrompidos ou mutilados.

e. Desse modo é possível estabelecer uma leitura do texto do sonho. Mas isto não significa ainda uma compreensão do sentido do sonho. A determinação de seu sentido é questão de prática, isto é, o sentido aparente deve ser relacionado à atitude consciente e com ela comparado. Sem esta comparação é impossível compreender o sentido
funcional do sonho.

f. Via de regra, o sentido de um sonho é compensar a atitude consciente, isto é, ele acrescenta a esta última o que estava faltando nela. O sonho é uma tentativa natural de corrigir uma falta de equilíbrio, e ele muda a atitude consciente até que seja restabelecido o estado de equilíbrio.

g. O método só pode ser aplicado a casos individuais, e quando o indivíduo a ele se submete voluntariamente.

h. Só é possível haver uma mudança de atitude quando há um motivo suficientemente forte para uma séria submissão ao método. Nos casos patológicos é em geral a própria doença ou suas consequências intoleráveis que fornecem a necessária motivação. Em casos normais de conflito, é uma forte depressão, desespero ou um problema religioso que levam o indivíduo a fazer um esforço concentrado para mudar definitivamente de atitude. Uma aplicação provisória ou experimental do método raramente produz o efeito desejado, isto é, uma completa mudança de atitude.

i. É possível também que uma pessoa séria e conscienciosa, com mente treinada e educação científica, possa adquirir conhecimento suficiente, através de cuidadoso estudo da literatura existente, para aplicar o método a si mesma até certo ponto. Assim, pode ao menos certificar-se das suas possibilidades. Mas, como o método é essencialmente um procedimento dialético, não conseguirá ir além de certo ponto sem a ajuda de um professor experiente. Uma vez que o método não envolve apenas fatores intelectuais, mas também valores sentimentais e sobretudo a questão do relacionamento humano, torna-se imperativo o princípio da colaboração.

## II

A aplicabilidade e eficácia do método descrito acima restringem-se fortemente ao indivíduo. A mudança de atitude só ocorre no indivíduo e por meio de tratamento individual. Além disso, só é aplicável com razoável esperança de sucesso a indivíduos dotados de certo grau de inteligência e de um senso sadio de moralidade. Uma acentuada ausência de educação, baixo grau de inteligência e deficiência moral são fatores proibitivos. Sendo que 50% da população está abaixo da normalidade em um ou outro desses aspetos, o método não teria nenhum efeito sobre essas pessoas, mesmo sob condições ideais.

Uma vez que os problemas mais íntimos e mais delicados se apresentam no momento em que se começa a penetrar no sentido dos sonhos, a atitude da pessoa não pode ser mudada sem que tome conhecimento dos aspetos mais questionáveis e dolorosos de seu próprio caráter. Portanto, não se pode esperar muito da aplicação desse método a um grupo. A mudança de atitude nunca começa pelo grupo, mas apenas pelo indivíduo.

Se vários indivíduos se submetessem separadamente a esse trata- mento e — suposto que sua motivação fosse suficientemente forte — experimentassem uma mudança de atitude, poderiam formar posteriormente um grupo, uma minoria dirigente, que pode tornar-se o núcleo de uma corporação maior de pessoas. O número poderia aumentar

a. por tratamento individual,

b. por sugestão através de uma autoridade.

A grande massa do povo é levada por sua sugestibilidade. Não se pode mudar sua atitude, apenas seu comportamento. E este depende da autoridade dos líderes, cuja atitude foi realmente mudada.

Foi dessa maneira que se propagaram as ideias da psicologia moderna; e foi de maneira semelhante também que tomaram pé os vários tipos de movimentos intelectuais, morais e imorais. Este desenvolvimento parece teoricamente possível enquanto pudermos ter certeza de que as causas da atitude humana são de natureza psicológica e podem ser alcançadas por meios psicológicos. Por outro lado temos que ter em mente que a psicologia hodierna é uma ciência ainda bem jovem, talvez ainda no berço. Por isso temos que admitir a possibilidade de fatores causais além de nossas expectativas racionais.

Dentro dos limites acima mencionados, pode-se pressupor com bastante certeza uma mudança de atitude. O êxito não é fácil nem o método é infalível ou isento de fracassos. Requer uma boa dose de educação e treinamento do médico e do professor, e uma motivação bem forte por parte do paciente ou do aluno. Mas é fato também que o interesse do público em geral pela psicologia aumentou, apesar da resistência da autoridade académica. As ideias e os conceitos psicológicos difundiram-se amplamente, o que é prova irrefutável da necessidade real de se conhecer mais sobre psicologia. Dadas essas circunstâncias, não é impróprio considerar a possibilidade de aplicação mais ampla desse método.

A primeira coisa a fazer é convencer os professores. Mas aqui esbarramos contra a questão inevitável da motivação. Esta deve ser vital e mais forte do que o preconceito. Este é um obstáculo muito sério. É preciso mais que mero idealismo — o professor deve estar absolutamente convencido de que sua atitude pessoal necessita de revisão e até mesmo de mudança real. Ninguém concordará com isso a não ser que perceba que existe realmente algo de errado. Considerando a condição atual do mundo, qualquer pessoa inteligente está pronta a admitir que há algo de extremamente errado com nossa atitude. Esta afirmação global raramente atinge o indivíduo em questão, ou seja, o professor em potencial.

Ele acha que sua atitude é correta, precisando apenas de confirmação e apoio, mas não de mudança. Um passo muito grande separa esta convicção da seguinte conclusão: o mundo está errado e, por isso, eu também estou errado. Pronunciar estas palavras é fácil, mas sentir sua verdade na medula dos próprios ossos é uma proposição bem diferente, ainda que seja a *conditio sine* qua non do verdadeiro professor. Em outras palavras, é uma questão de personalidade, sem a qual não têm sentido nenhum método e nenhuma organização. A pessoa que não tem o coração mudado não mudará o coração de ninguém. Infelizmente o mundo de hoje tende a menosprezar e ridicularizar esta verdade tão simples e evidente, provando assim sua própria imaturidade psicológica que é uma das causas principais do atual estado de coisas, bem como de inúmeras neuroses e conflitos individuais.

Desde a Idade Média nosso horizonte mental se ampliou muito, mas infelizmente de forma unilateral. O objeto exterior prevalece sobre a condição interior. Conhecemos muito pouco a nós mesmos e detestamos conhecer mais. No entanto, é a pessoa que experimenta o mundo, e toda experiência é determinada tanto pelo sujeito quanto pelo objeto. Portanto, o sujeito seria tão importante quanto o objeto. Mas na verdade conhecemos infinitamente menos nossa psique do que os objectos externos. Este fato não pode deixar de impressionar qualquer pessoa que tenta compreender a motivação das atitudes humanas.

O inconsciente de pessoas com boa formação intelectual é muitas vezes quase incrível em certos aspectos, sem mencionar seus preconceitos e modos irresponsáveis de lidar — ou, melhor, não lidar — com eles. Naturalmente o exemplo sugestivo que dão às massas tem consequências funestas, mas elas pouco ligam para a *trahison des clercs*. Nossa intuição e nossa auto-educação

não acompanharam a contínua expansão do horizonte externo. Ao contrário, sob certos aspectos conhecemos menos da psique do que a Idade Média.

É evidente que um melhor conhecimento da psique humana começa com uma compreensão melhor de nós mesmos. Se o método tiver êxito, ele integra muitas vezes na consciência grande quantidade de material até então inconsciente, alargando tanto seu campo de visão quanto sua responsabilidade moral. Quando os pais sabem quais de suas tendências e hábitos inconscientes são prejudiciais à psique de seus filhos, sentirão como dever moral fazer algo, suposto que seu senso de dever e seu amor estejam normalmente desenvolvidos. A mesma lei atua nos grupos e também nas nações, isto é, nas minorias dirigentes, se forem constituídas de pessoas conscientes de certas tendências que poderiam ameaçar seriamente as relações humanas.

O principal perigo é o egoísmo direto e indirecto, isto é, a inconsciência da igualdade última de todas as pessoas. O egoísmo indireto manifesta-se num altruísmo anormal que é capaz de impor a nosso próximo alguma coisa que a ele pareça correto ou bom, sob o disfarce de amor cristão, humanidade ou ajuda mútua. O egoísmo tem sempre o caráter de ganância e manifesta-se especialmente de três modos: desejo de poder, prazer e preguiça moral. Esses três males morais são suplementados por um quarto, que é o pior deles: a estupidez.

A verdadeira inteligência é muito rara e constitui, estatisticamente, parte infinitesimal da mente média. Considerada do ponto de vista de uma mente superior, a inteligência média é muito baixa. Infelizmente a inteligência fora do comum — como uma qualidade individual incomum — tem muitas vezes que pagar um preço alto, pois corresponde-lhe uma fraqueza ou deficiência moral, sendo portanto um presente duvidoso dos deuses.

A ganância é incontrolável, exceto quando contrabalançada por uma moralidade igualmente violenta. Mas quando a moralidade excede a norma, torna-se um perigo real para o relacionamento humano, porque é a instigadora direta do comportamento imoral compensador e, assim, revela sua raiz secreta, a ganância.

Uma nação consiste da soma de seus indivíduos, e seu caráter corresponde à média moral. Ninguém é imune a um mal nacionalmente difundido, a não ser que esteja firmemente convencido do perigo de que seu próprio caráter possa ser contaminado pelo mesmo mal. A imunidade da nação depende totalmente

da existência de uma minoria dirigente, imune ao mal e capaz de combater o efeito altamente sugestivo da realização aparentemente possível de desejos. Se o líder não tiver imunidade total, será vítima inevitável de sua própria vontade de poder.

A ganância acumulada de uma nação torna-se incontrolável, a menos que seja neutralizada por todas as forças (civis e militares) de que dispõe o governo. Nenhuma sugestão funciona enquanto não se estiver convencido de sua força de persuasão. Argumentos racionais são ineficazes.

III

Como seguinte passo do desenvolvimento ulterior do método acima mencionado proponho:

a. Divulgar estas ideias em círculos que influenciam os poucos capazes de tirar suas próprias conclusões.

b. Se houver alguns convencidos de que sua própria atitude precisa realmente de reversão, seja-lhes concedido a oportunidade de submeter- se a um tratamento individual.

c. Uma vez que se deve contar com muita ilusão própria na seriedade da motivação de cada um, alguns logo desistirão, e outros precisarão mais tempo do que o previsto. Neste caso, a subvenção financeira concedida aos primeiros passa para os outros, de modo que possam continuar seu trabalho por um período de seis meses a um ano.

d. Sendo o termo “mudança de atitude” bastante indefinido, devemos sublinhar que entendemos por isso a mudança operada pela integração na consciência de conteúdos antes inconscientes. Esta adição envolve necessariamente uma mudança que é sentida como tal. A mudança nunca é neutra. É essencialmente um aumento de consciência, e depende inteiramente do caráter do indivíduo qual a forma que assumirá. Na pior das hipóteses é uma inoculação das próprias virtudes do indivíduo. É um desafio para a pessoa, e deve ser considerada um risco — o risco contido no desenvolvimento futuro da consciência humana!

1. Aqui foi anexada uma lista de “obras de referência”:
1. Atitude: Tipos psicológicos.

2. Método: O eu e o inconsciente, L'Homme à la découverte de son âme: Baynes, Mythology of the Soul; Wickes, Inner World of Childhood and Inner World of Man; Psicologia e educação.
3. Psicologia: A psicologia do inconsciente; Psicologia e religião; A energia psíquica e a natureza dos sonhos; A psicologia da transferência; Jacobi, A psicologia de C.G. Jung.